

A “OPÇÃO PREFERENCIAL” DE UM JORNAL PERNAMBUCANO PELO CATOLICISMO ROMANO NOS ANOS 1980

The "preferential option" of a newspaper in Pernambuco for the Roman
Catholicism in the 1980s

Leon Adan Gutierrez de Carvalho¹
UFPR – Paraná/ Brasil

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar os discursos jornalísticos sobre o tema “religião”, especialmente do *Diario de Peranmbuco*, nos anos 1980, procurando observar quais os sentidos construídos sobre o tema pelo jornal. A análise realizada aqui buscou observar, dentro da esfera de relações possíveis entre mídia e religião, de que maneira os jornais podem influenciar os significados do que é religião e de como estas podem influenciar a própria mídia. Pudemos perceber que jornais, como o *Diario de Pernambuco*, trataram do tema “religião” sob uma forte influência da Igreja Católica Romana, tomando o Catolicismo institucional como o modelo para se referir às demais religiões.

Palavras-chave: Catolicismo Romano; Mídia e Religião; *Diario de Pernambuco*.

ABSTRACT: The purpose of this article is to analyze the journalistic discourses on the "religion" topic, especially in the *Diario de Peranmbuco*, in the 1980s, trying to observe the meanings built on the theme by the newspaper. This present analysis sought to observe, within the sphere of possible relations between media and religion, how newspapers can influence the meanings of what religion is and how religions can influence the media itself. We have been able to perceive that newspapers, such as the *Diario de Peranmbuco*, dealt with the theme of "religion" under the strong influence of the Roman Catholic Church, taking institutional Catholicism as the model for referring to other religions.

Keywords: Roman Catholicism; Media and Religion; *Diario de Peranmbuco*.

¹ Possui graduação em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2009), Especialização em História do Brasil pela FAFICA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (2014) e mestrado em História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2017). Atualmente é Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná. Tem experiência na área de História, atuando principalmente nos seguintes temas: História Contemporânea, História Cultural, História das Religiões, Teoria da História, História do movimento Hare Krishna e Hinduísmo. E-mail: leon.agcarvalho@gmail.com

Introdução

“Nos noticiários sobre religião nas principais mídias brasileiras, nos imaginários dos seus produtores, ‘Deus é Católico Romano’” (Magali Cunha).

Ao observarmos criticamente as disposições da imprensa e dos telejornais sobre o tema da religião ao longo da história, podemos captar diversas facetas das lutas e disputas que envolvem o campo religioso em uma sociedade, através intentos diretos, indiretos e, também, dos silenciamentos que promovem intencionalmente o apagamento do que não se deseja evidenciar. A mídia, assim como a sociedade, é um campo de batalhas identitárias. Como diria o historiador Roger Chartier:

A história da construção das identidades sociais encontra-se assim transformada em uma história das relações simbólicas de força. Essa história define a construção do mundo social, como o êxito (ou o fracasso) do trabalho que grupos efetuaram sobre si mesmos – e sobre os outros – para transformar as propriedades objetivas que são comuns a seus membros em uma pertença percebida, mostrada, reconhecida (ou negada). Consequentemente, ela compreende a dominação simbólica como o processo pelo qual os dominados aceitam ou rejeitam as identidades impostas que visam a assegurar e a perpetuar seu assujeitamento (CHARTIER, 2002, p. 11).

Estudando a história do movimento Hare Krishna entre os anos 1970 e 1990 no Brasil e, mais precisamente, a relação entre este e a imprensa pernambucana (CARVALHO, 2017), acabamos por visualizar um panorama das questões que envolvem mídia e religião.

Partindo do *Diário de Pernambuco*, um jornal filiado aos *Diários Associados* e o principal noticiário impresso do estado no período estudado, procuramos observar quais eram os sentidos de “religião” presentes neste, como alguns grupos religiosos eram abordados e quais as possíveis representações construídas sobre esses grupos.

Ao estudarmos o tema da religião nos anos 1970 e 1980 neste jornal uma questão ficou evidente. O Catolicismo² parece estar disposto nas páginas do *Diário de Pernambuco* como sinônimo e modelo religioso ou como uma forma naturalizada de religião que servia de modelo para elencar modelos comparativos, hierárquicos e

² Ao utilizarmos o termo “Catolicismo”, estaremos nos referindo ao Catolicismo Romano já que, basicamente, não iremos abordar outras formas de Catolicismo.

estabelecer o nível de alteridade ou estranhamento e silenciamento de outras formas diversas de religião.

O presente artigo irá analisar algumas das reflexões surgidas a partir dessa questão, buscando entender de que maneiras as narrativas sobre esse tema foram construídas ao longo das páginas do *Diario de Pernambuco* na primeira metade dos anos 1980 e de que forma isso pode ter influenciado as dinâmicas do campo religioso pernambucano. Vamos então conhecer um pouco mais da história desse periódico.

O *Diario de Pernambuco*, que hoje exhibe orgulhosamente o título de “jornal mais antigo em circulação da América Latina”, foi fundado em 1825, pelo jornalista Antônio José de Miranda Falcão. De 1835, ano em que foi vendido à firma Pinheiro e Faria, até 1911, o jornal teria funcionado como órgão oficial dos governos de província. Durante a Revolução Praieira (1848-1849) teria se posicionado contrário aos revoltosos. De maneira geral, o jornal não se posicionou contrário ao regime imperial e, quando da instituição da República Velha, teria preservado uma posição “situacionista”, representando assim, posicionamentos favoráveis às elites oligárquicas que apoiaram o poder em Pernambuco e no país. Em 1901, passou a ser propriedade da família Rosa e Silva, e de 1911 a 1913 teria sido fechado pelo governo devido às disputas políticas que envolveram a candidatura de um de seus proprietários. Em 1913, o jornal foi comprado e reaberto pelo coronel Carlos Benigno Pereira de Lira, industrial e fazendeiro de Alagoas e Pernambuco, assumindo uma pretensa e suspeita “imparcialidade” política (BEZERRA, [s.d.]).

Em 1931, o jornal foi adquirido pelos Diários Associados, grupo pertencente ao jornalista Francisco de Assis Chateaubriand, e assim permaneceu vinculado durante a maior parte do século XX. Durante o tumultuado período da década de 1930, manteve um posicionamento conservador diante da agitação política e militar nacional. Não fez oposição ao advento do Estado Novo, em 1937, embora tenha sofrido intervenções e “empasteamentos” promovidos pela polícia militar de Pernambuco. Entre os anos de 1945 e 1964, o *Diario de Pernambuco* procurou apoiar determinados candidatos ao governo do Estado, geralmente ligados ou coligados à União Democrática Nacional (UDN). Quando estes não venciam as eleições, o jornal colocava-se de imediato como opositor do governo. Quando em 1959, Miguel Arraes foi eleito prefeito do Recife, o jornal o teria apoiado. Todavia, quando a sua gestão se mostrou próxima das lutas de

esquerda, o jornal passou a fazer oposição a sua gestão. Nos anos que antecederam o golpe de 1964, o *Diario de Pernambuco* realizou forte oposição ao governo estadual de Miguel Arraes e ao do presidente Jânio Quadros com um tipo de discurso anticomunista (Ibidem).

O jornal deu apoio ao golpe de 1964 e procurou satisfazer os pré-requisitos exigidos pela censura até o fim do regime. Mesmo nos anos 1980, quando houve o abrandamento da censura e da repressão militar, o jornal se manteve passivo diante das mudanças e dos posicionamentos políticos, evitando críticas ou sugestões mais incisivas ao regime militar. Podemos dizer que o *Diario de Pernambuco* viu com bons olhos, mas de forma tímida, a campanha das Diretas Já. Nos anos que se seguiram ao fim do regime militar, o jornal foi favorável às eleições indiretas de Tancredo Neves (1985), e diretas de Fernando Collor de Melo (1989) e Fernando Henrique Cardoso (1994 e 1998). Entre 1992 a 1996, o jornal passou a pertencer a um dos maiores empresários do Estado, Armando Monteiro Filho, voltando aos Diários Associados em 1996 (Ibidem). Atualmente, o jornal é controlado por empresários da família Rands – que no governo Lula teve como expoente o Deputado Federal Maurício Rands (PT).

De forma resumida, podemos dizer que o *Diario de Pernambuco* assumiu uma postura política conservadora durante a sua história, buscando respeitar ou representar os interesses da elite econômica e política pernambucana. Hoje, o jornal se encontra em franco declínio e tendo sofrido diversas crises financeiras, passou a ter uma circulação bastante reduzida.

Antes de partirmos para os anos 1980 para a análise a que este artigo se propõe, gostaríamos de revisitar um outro texto bastante pertinente a este tema. Algumas questões semelhantes sobre a relação entre a mídia brasileira e o Catolicismo foram abordadas em uma perspectiva do campo da comunicação por Magali Cunha (2016). Neste trabalho, Cunha coletou dados de dois dos maiores noticiários brasileiros: o *Jornal Nacional* (telejornal da *Rede Globo*) e a *Folha de São Paulo*. Levando em consideração as notícias do ano de 2014, a autora buscou refletir: “Como as mídias noticiosas cobrem a religião no Brasil? Qual é a noção de religião no país construída por jornalistas nas matérias sobre religião que produzem?” (Ibidem, p. 1).

A sua pesquisa constatou que o Catolicismo institucional exerce uma considerável influência na mídia, configurando assim um quadro de “religião

dominante” nas notícias da grande mídia, não somente em termos quantitativos (número de notícias), mas, também em termos qualitativos³.

Considerando a noção gramsciana de “hegemonia”, a autora defende que, mesmo nos dias atuais em que há uma maior número de opções no “mercado religioso” brasileiro “[...] é possível afirmar, neste sentido, que a ideia de ‘religião dominante’, em relação ao catolicismo no Brasil, resulta de uma prática cultural construída a partir do imaginário social de ‘verdadeira e válida religião’” (Ibidem, p. 5).

A questão da “autoridade” religiosa, também foi percebida pela autora. Além de a religião no Brasil ser católica, o que os grandes veículos de informação do país dão a entender é que esse catolicismo no Brasil é institucional: 50% das matérias sobre o catolicismo apresentavam a figura central do Papa e 25% do restante, apresentavam autoridades católicas como arcebispos, bispos e padres. As figuras de liderança da igreja receberam destaque, enquanto que as autoridades das demais religiões passaram despercebidas. No segundo grupo com mais matérias, apresentaram-se os evangélicos, e apenas 15% das matérias evidenciaram suas autoridades religiosas (Ibidem, p. 16–17).

O estudo de Magali Cunha nos trouxe uma relativa surpresa. Ingenuidade? Havia uma semelhança com o estudo que realizamos em jornais das décadas de 1970 e 1980 e, aparentemente, o quadro de hegemonia religiosa católica na mídia que se fazia presente naquele período parece ter mudado pouco até os últimos anos. Apesar da suposta imparcialidade e secularização do jornalismo profissional contemporâneo, do grande desenvolvimento dos (neo)pentecostalismos e da diversidade de oferta religiosa do campo religioso brasileiro, a grande mídia continua apresentando um quadro de relativa permanência da hegemonia católica.

O interessante artigo de Cunha motivou a escrita destas páginas, revitalizando aquilo que tínhamos observado durante a nossa pesquisa. Assim, iremos analisar a seguir de maneira mais detalhada, as nuances e afinidades do *Diário de Pernambuco* com o Catolicismo, buscando localizar e perceber as formas discursivas do jornal nos anos 1980 e as suas “opções religiosas”.

³ Ela constatou que 73% das matérias com o tema central “religião”, eram sobre a religião Cristã e dessas, 88% e 73% respectivamente eram sobre o Catolicismo Romano. Mas, além de numericamente, em termos valorativos, ela percebeu que 100% das reportagens sobre Catolicismo tinham um teor “positivo” em relação a religião, enquanto que os evangélicos tiveram apenas 27,3% de matérias “positivas”, o Islamismo 17,7% e no Hinduísmo, todas as 4 matérias publicadas foram de teor “negativo” (Ibidem).

A estreita ligação entre o *Diário de Pernambuco* e o Catolicismo⁴

O tratamento dado por jornais, como o *Diário de Pernambuco* a temas religiosos, no período entre as décadas de 1970 e 1980, fazia jus à sociedade da época. A elite econômica e social pernambucana também tinha, em geral, a Igreja Católica como modelo institucional, social e religioso a ser seguido.

A Igreja Católica representaria, no Brasil, um longo período de hegemonia religiosa. De conquistadora e colonizadora das terras e das almas, juntamente com a coroa portuguesa, passaria a ser aliada no governo imperial brasileiro do século XIX, atuando até mesmo na esfera do serviço público. É válido salientar que, no Brasil, a religiosidade católica historicamente se deu, em grande parte, distanciada do peso das regras e normatividades institucionais romanas, dando ao contexto nacional, um tipo peculiar de catolicismo que começou a sofrer um processo de romanização entre os séculos XIX e XX.

Com o advento da República, apesar do Decreto 119 de 07 de janeiro de 1890 que estabelecia a liberdade de culto e o fim do padroado, fazendo com que a Igreja Católica fosse legalmente apartada do Estado, ainda assim, ela não deixaria de exercer seu prestígio, influência e poder em amplas esferas da sociedade brasileira. Ela teria passado por um processo de renovação e empreenderia uma tentativa de recatolização, entre o final do século XIX e início do XX, para superar as consequências causadas pelos processos de secularização e laicização⁵. Durante o século XX, a Igreja buscou o máximo que pode exercer influência política em um Estado teoricamente laico. Como diria Scott Mainwaring: “a questão não é *se* a Igreja está ou não envolvida na política, mas *como* ela está envolvida” (MAINWARING, 2004, p. 11).

Na segunda metade do século XX, a Igreja Católica passou por uma crise de valores que culminou em uma renovação. Na perspectiva internacional, o Concílio Vaticano II (1962-1965) promoveu uma série de reavaliações que foram consideradas importantes para a sobrevivência da instituição na contemporaneidade. Por outro lado, na Europa e, em menor escala, na América Latina, a Igreja passou por uma gradual perda de influência na sociedade, cedendo espaço para outras religiões, incluindo os

⁴ Parte das discussões expostas aqui foram baseadas em nossa pesquisa de dissertação de mestrado (cf. CARVALHO, 2017, p. 196-208).

⁵ Para um debate sobre os conceitos de recatolização, secularização e laicização, cf. Moura (2015, p. 23-51).

“novos movimentos religiosos” e, também, o processo de secularização.

Entre os anos de 1964 e 1985, o regime civil-militar ditatorial brasileiro tinha a ala mais conservadora da Igreja como sua aliada, em uma aliança entre “Deus, pátria e família”. Entretanto, os membros da Igreja adeptos da Teologia da Libertação, da qual Leonardo Boff seria o grande representante no Brasil, travaram um diálogo com os movimentos sociais que lutavam contra a desigualdade social ou, mesmo, contra o regime⁶. Essa ala da Igreja no Brasil foi descrita como “progressista” ou “popular” (MAINWARING, 2004, p. 101-282).

Em Pernambuco, a figura carismática de Dom Hélder Câmara trouxe um equilíbrio entre os diferentes setores católicos. Apesar de sua inclinação à ala “progressista”, sua personalidade, carisma e dedicação frente à Arquidiocese de Recife e Olinda, entre os anos de 1964 e 1985, fizeram dele um sujeito respeitado por amplos setores da sociedade pernambucana e nacional, ainda que descontentes com suas constantes declarações e questionamentos sobre os problemas sociais e políticos do país.

Os governos brasileiros, em suas diferentes fases do século XX, não negligenciaram a importância de valorizar os grandes eventos e líderes católicos, mantendo uma estreita ligação entre Estado e Igreja⁷. O mesmo tipo de conduta foi tomado por parcelas significativas da mídia brasileira.

Em Pernambuco, o *Diario* dispôs de uma apresentação e direcionamento voltado para o público católico. Perceberemos que, mesmo os editoriais adotaram uma posição que parecia assumir a visão católica sobre as questões religiosas. Em nenhum momento constatamos uma disposição editorial, por parte do jornal, em que definisse o periódico como “laico”, “secularizado” ou “não religioso”.

Em 1977, havia uma coluna do *Diario de Pernambuco* intitulada “atos religiosos” que, semanalmente, mostrava uma lista de cultos ou programas “religiosos” em diferentes lugares da cidade. Eram considerados “atos religiosos” as atividades das

⁶ O *Diario de Pernambuco* se colocou contrário à Teologia da Libertação por diversas vezes, embora estivesse de mãos dadas com Dom Helder Câmara. Um editorial revelaria bem a posição do jornal em relação a Teologia da Libertação: “a Teologia da Libertação parece haver se contaminado com a pressa dos sociólogos, dos economistas, dos políticos; a pressa atropelante dos revolucionários. Dói-lhe a fome dos pobres. Mas, seria o Cristo, apenas, um padeiro?” (TENSÕES..., 1984, p. A-4).

⁷ Em 1980, João Paulo II faria a primeira visita de um papa ao Brasil. Pensando no impacto dessa histórica visita, o governo militar brasileiro decidiu que assumiria todas as despesas oriundas da visita do papa ao Brasil (Cf. GOVERNO..., 1980).

seguintes instituições: Igreja Católica, Presbiteriana, Metodista, Batista, Luterana, Salão do Reino das Testemunhas de Jeová e Adventistas (ATOS..., 1977, p. B-6)⁸. Em todas as edições que verificamos, somente as atividades promovidas por essas instituições seriam consideradas como “atos religiosos”. Estavam sendo desconsiderados nessas listas os eventos promovidos pelas religiões de matriz africana – que apesar de muito presentes na Região Metropolitana do Recife eram dispostas, na maioria das vezes, em tom de polêmica, de deslegitimação ou até demonização; os cultos espíritas kardecistas; cultos judaicos; islâmicos; pentecostais e qualquer dos “novos movimentos religiosos”. Esse quadro nos parece dizer que os atos considerados como “religiosos” seriam, basicamente, os cristãos e, mais proeminentemente, os católicos.

Em 1980, a seção “Flagrantes”, do *Diario de Pernambuco*, trazia diariamente um tópico sobre “religião”. Em nossa análise, pudemos perceber que a seção tratava somente de notícias relacionadas à Igreja Católica. As outras igrejas, nem mesmo as cristãs, tinham ali espaço⁹.

O *Diario de Pernambuco* tratava com frequência da vida e das obras de padres, bispos, papas, das igrejas, e das datas e celebrações do calendário religioso católico. Em geral, essas notícias e reportagens eram feitas de maneira respeitosa e reverencial. Citaremos apenas alguns casos dos muitos que encontramos que trazem narrativas feitas pelo jornal sobre a Igreja Católica e seus membros.

Uma das matérias dizia: “Olinda comemora hoje os 70 anos do abade de São Bento” (FONSECA, 1984, p. B-1). A disposição da manchete revela que a cidade – e não os católicos da cidade – estaria em festa pelo aniversário de um dos membros da Igreja, dando a ideia clara de que toda a cidade seria crente, católica e que o clérigo seria querido por toda a população.

Em um editorial, o jornal assumiu sua admiração pelo “pastor intemorato”:

⁸ A partir de 01 jun. 1980, esta seção mudou de “Atos Religiosos” para “Igrejas”, assumindo, assim, uma especificação maior do que se trataria naquele espaço. Talvez, tenham feito sensatamente a modificação devido a exigências de outros grupos que se considerariam como “religiosos”, e que não viam seus nomes e programações ali. Renomear para “Igrejas” definiria melhor qual seria o interesse do jornal, ou seja, quais seriam exatamente os “atos religiosos” que o periódico pretendia divulgar.

⁹ Essa seção circulou entre os anos 1980 e 1981. Pudemos perceber que outro jornal de influência no estado, o *Jornal do Comércio*, no início de 1980, tinha uma “Seção Religiosa” que trazia notícias sobre o Catolicismo, o “Espiritismo” (kardecista) e o “Evangelismo”, além de notas sobre as atividades referentes ao Rotary Clube e do Lions Clube. Basicamente, seriam abordadas instituições cristãs.

Desse papa dir-se-á tudo, menos que não foi um combatente. A sua serenidade jamais se fez conveniência ou temor. Diz sua palavra, imantado pela verdade, sem perguntar como reagirá o auditório. Sua perspectiva transcende o tempo e as conjunturas. Pensa sempre o eterno (PASTOR..., 1984, p. A-6).

Já que as palavras do líder máximo do Catolicismo foram consideradas em editorial como “imantadas pela verdade”, não seria de estranhar que o próprio João Paulo II tivesse uma coluna sua no jornal, no ano de 1985 (DIÁRIO... 1985, A-18). A coluna passou a circular com o nome de “Pensamentos do Papa João Paulo II” e traria trechos de discursos, cartas, entrevistas, etc. do clérigo sobre os diferentes temas debatidos por ele naquele ano. Os editores do jornal incluíam, em algumas ocasiões, trechos explicativos sobre os temas comentados sobre o Papa.

O *Diario de Pernambuco* cobriu, com entusiasmo, a visita do sumo pontífice ao Brasil e, especialmente, a sua visita ao Recife, que aconteceu entre os dias 07 e 08 de julho de 1980. Adjetivos qualitativos, como “o santo padre”, eram utilizados para se referir ao papa que teria vindo à cidade para “transmitir, sem intermédios, a palavra de Deus” (PAPA..., 1980, p. A-18). Assim, o papa era considerado pelo jornal como um modelo representativo da santidade e, em suma, da autoridade religiosa; alguém que seria um mediador direto da “palavra de Deus”; alguém em quem os leitores poderiam confiar. O jornal corroborou com a visão da tradição católica sobre si mesma¹⁰. Representando o líder da Igreja Católica dessa maneira, o jornal atribuía a ele o padrão, o modelo ideal de líder religioso, digno de ser admirado, louvado, respeitado¹¹.

Em 1985, quando da entrada do novo arcebispo em Recife e Olinda, Dom José Cardoso Sobrinho, em substituição a Dom Hélder Câmara, um editorial do *Diario de Pernambuco* foi lisonjeiro ao tratar do religioso, endossando seu discurso de posse:

¹⁰ O mesmo privilégio de ver na mídia secular as representações que a própria tradição tem de si mesma não foi possível para grupos como o movimento Hare Krishna, principalmente, entre os anos de 1978 e 1984. Pelo contrário. Diversas representações negativas foram difundidas com o intuito de deslegitimar este e outros grupos tidos como “seitas” (CARVALHO, 2017, p. 155-196)

¹¹ Essa mesma perspectiva adjetivante e lisonjeira seria abandonada anos mais tarde. Ao menos teoricamente e em termos de estilo. O “Manual de redação e estilo” dos *Diários Associados* de 2005 defendia na seção “erramos (tropeços de repórteres)”: “vivemos num Estado laico. Aqui religião não goza de privilégio. Nem os representantes de Deus na Terra. Por isso, papa joga no mesmo time de presidente, ministro, governador, prefeito. Escreve-se com inicial minúscula” (SQUARISI, 2005, p. 291). Durante toda as décadas de 1970 e 1980 (ao menos), o *Diario de Pernambuco* adotou a nomenclatura “Papa” (com inicial maiúscula) para se referir ao líder da Igreja Católica.

A **serviço de Jesus Cristo**, o novo pastor lança sua rede, a grande confiança que tem é na palavra de Deus: “O que a Bíblia nos diz, a Igreja procura transformar em estrutura prática”.

A cristandade recifense recebe com simpatia e esperança o bispo que chega (A SERVIÇO..., 1985, p. A-6, grifos do autor).

É interessante notar que o editorial daquela edição, assumiu a linguagem religiosa católica como sua: o “pastor” estaria “a serviço de Jesus Cristo” (disposto em negrito). Falando em nome da “cristandade”, não somente dos católicos do Recife, o jornal declararia a boa recepção do arcebispo. A palavra “cristandade” seria aqui posta como sinônimo da religião católica, excluindo-se assim a existência de outras religiões cristãs ou de que mesmo as outras denominações cristãs também estivessem recebendo com “simpatia e esperança” o líder católico na região. Esse tratamento respeitoso não seria o mesmo para os membros ou líderes de outras denominações, sobretudo, das assim denominadas “seitas”.

O mesmo tipo de postura estaria em outro editorial, onde o jornal parece ter assumido uma defesa do papa em detrimento das controvérsias políticas que rondavam a questão da Teologia da Libertação:

O Papa João Paulo II, falando a bispos brasileiros em Roma, voltou a afirmar que a Igreja não é um partido político. Logo, não pertence a nenhuma parcialidade, classe, grupo, sindicato ou liga. É do justo e do pecador. Da ovelha tresmalhada. Do filho pródigo. Das virgens e das pecadoras. Dos ricos e dos pobres. Tentar atrelá-la aos interesses de grupos é esvaziá-la de sua missão sobrenatural. Exatamente, a força dessa missão sobrenatural é que lhe dá o poder e o direito de condenar a injustiça, o erro, a violência, a repaganização da vida, aonde quer que essas distorções alcem o colo e firam direitos que lhe são superiores. Pregará o Papa no deserto? Vivemos dias cruéis em que a fé religiosa é leiloadada pelas ideologias e transformada em fator de mídias políticas, Dias de coisas terminais, aflitivas. Altares vazios, cruzes desertadas, valores confundidos, teologias sem Deus. Quem ouve o Papa? (IGREJA..., 1985, p. A-6).

O editorial endossava o discurso de João Paulo II, realizando uma espécie de naturalização do caráter sobrenatural da Igreja, garantindo a ela o papel de grande juíza dos “erros”, detentora do poder de conter a “repaganização” e as “distorções”, conferindo-lhe um tipo de “direito superior” simplesmente pela sua (possível?) imparcialidade. Certamente, um jornal que assumia em editorial essa postura religiosa teria uma grande afinidade com a visão da Igreja quando deflagram-se as polêmicas em

torno das mudanças dos paradigmas religiosos e do crescimento de “novos movimentos religiosos”.

Nas páginas do *Diario de Pernambuco* circulavam boa parte das questões e problemas da Igreja ou da religiosidade católica, do período aqui estudado, expondo assim, através dos discursos, o lugar social dos diferentes atores sociais envolvidos na imprensa. Para temas ligados à “fé”, clérigos, intelectuais católicos ou mesmo jornalistas crentes ou entusiastas da cultura religiosa católica davam seus testemunhos, definiam conceitos, apresentavam pareceres “técnicos”, elaborando, assim, suas representações sobre o mundo social.

Algo que nos despertou a atenção, nos anos de 1980, foi a perplexidade dos católicos para com a perda de influência de sua igreja na sociedade e o crescimento de novas práticas e crenças que se afastavam da cultura católica¹². Ou, simplesmente, o desinteresse de parcela da população pelas “coisas de Deus”.

Seria de se esperar o espanto dos católicos diante das mudanças na sociedade brasileira. Segundo os dados dos censos realizados no Brasil, entre 1872 – data do primeiro censo do IBGE, onde 100% dos brasileiros teriam sido considerados como católicos¹³ – e 1970, quase um século depois, teria havido uma perda de apenas 7,9% de católicos para outras religiões. Já nas duas décadas seguintes, entre 1980 e 2010, a queda no número de católicos teria sido de 22%. Só durante a década de 1990, a queda foi de cerca de 10% no número de autointitulados católicos. Ou seja, se em 1970 os católicos correspondiam a 91,8% dos brasileiros, em 2010, passaram a corresponder a 64,6%, ainda que os denominados “cristãos” representem 86,8% da população¹⁴.

Um encarte contendo uma retrospectiva dos principais acontecimentos da década de 1970 foi publicado na primeira edição de janeiro de 1980 (ALMOEDO et al, 1980, p. D-12), trazendo alguns temas tidos como importantes para os “caminhos da fé”. O

¹² Já em 1973, um jornalista espantado com os novos movimentos religiosos afirmou: “decididamente, nós vivemos numa época muito louca, a ‘Idade de Aquarius’ sem a menor sombra de dúvida” (CHAVES, 1973, p. 2).

¹³ É importante considerar que, no primeiro Censo, de 1872, não havia a possibilidade de declarar uma opção religiosa diferente da Católica. Nesse período já havia diversas linhas religiosas diferentes atuando no Brasil, desde as indígenas e afro-brasileiras que eram sumariamente reprimidas, às diversas denominações protestantes, que se instauravam e expandiam nesse período, ainda que não pudessem exercer publicamente a sua fé, além de outras minorias religiosas. Assim, a disposição de dados com 100% de católicos no Brasil não correspondia a realidade, senão a uma imposição de um governo que não era laico.

¹⁴ Dados do IBGE colhidos do estudo coordenado por Neri (2016, p. 7). É evidente que essa grande queda se deu pela grande ascensão na sociedade brasileira das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais.

primeiro tema trataria, principalmente, da crise vivenciada na Igreja Católica, considerada como a “Igreja de Cristo” e da renovação tida como positiva vivenciada desde o Concílio Vaticano II.

Já o segundo tema que teria marcado a década sobre o tema da fé, relataria que teriam surgido “[...] vários movimentos isolados envolvendo novas seitas religiosas, algumas de conotação fanática”, enfatizando, sobretudo, o trágico evento do suicídio em massa ocorrido em 1978, na Guiana. Em novembro deste ano, mais de 900 pessoas da organização californiana Templo do Povo (do Reverendo Jim Jones) cometeram suicídio coletivo na colônia guianesa de Jones Town, induzidas pelo seu líder.

E o terceiro trataria do escândalo causado pela denúncia em rede de televisão dos Meninos de Deus e das consequentes investigações e repressões realizadas pela polícia ao grupo em Pernambuco. Acusações de tráfico de drogas, prostituição e pedofilia foram feitas pela imprensa ao grupo e após uma série de investigações policiais, o grupo foi expulso do estado. Após alguns anos de problemas como este, esse grupo internacional seria reformulado com o nome “A família”.

Nessa retrospectiva, a seleção dos temas religiosos nos mostra a preocupação dos jornalistas do *Diario de Pernambuco* sobre o tema da religião: a crise da Igreja Católica e a disposição positiva da liderança dos últimos papas; o fenômeno incompreensível das “novas seitas religiosas” e o “fanatismo” de algumas delas; e os escândalos de uma das “novas seitas”. Enquanto aspectos positivos seriam evidenciados da postura da “Igreja de Cristo”, apenas aspectos negativos ou polêmicos seriam ditos de outras religiões, basicamente, os novos movimentos religiosos.

Quando ocorreu o fatídico evento da Guiana, no final de 1978, o *Diario de Pernambuco* não perdeu a oportunidade de veicular um editorial do jornal oficial do Vaticano (*L'Observatore*), que se posicionava sobre o assunto, afirmando que o acontecido em Jonestown seria uma “sombria lembrança da necessidade de se precaver contra ‘falsos profetas’” (VATICANO, 1978, p. 1). Segundo teria dito o editor do jornal do vaticano, Gino Concetti:

A pretensão de ser novo profeta de uma religião de dois mil anos que possui imenso desabrochar de santos, enquanto ao mesmo tempo se ignora a experiência da igreja ou a contrária, significa, para dizer o menos, colocar-se a si mesmo fora da história e embarcar numa louca aventura (loc. cit.).

A Igreja Católica estava realmente preocupada com o desenvolvimento de outras religiões no Ocidente. O Vaticano publicou documentos, promoveu eventos e estimulou pesquisas em torno das “seitas” e “novos movimentos religiosos”, desde a década de 1980. Segundo Emerson Giunbelli (2002, p. 20), em 1983 a revista católica *Concilium* (talvez a maior revista católica do mundo) lançou um dossiê especial sobre os “novos movimentos religiosos”. Em 1986, o Vaticano divulgou o documento “Seitas ou novos movimentos religiosos: desafio pastoral” elaborado a partir das igrejas nacionais que teria culminado na realização de vários seminários pelo mundo sobre o assunto, entre 1991 e 1993.

No período dos preparativos da visita do papa ao Recife, em 1980, o cardeal Ângelo Rossi teria sido perguntado sobre os problemas da Igreja brasileira, e o pontífice teria respondido:

Os problemas da Igreja são os indicados no Concílio Vaticano Segundo, e acredito que o secularismo, a devastação de seitas radicais e do espiritismo requerem da Igreja brasileira uma maior atenção e uma dedicação ao estudo e apostolado específico, essencialmente religioso, em todos os setores do povo brasileiro (IGREJA..., 1980, p. A-18).

Fica evidente a preocupação institucional da Igreja Católica no Brasil com a perda paulatina de sua hegemonia religiosa sobre a população. As “seitas radicais” (quais seriam?) estariam causando uma “devastação”, talvez no sentido religioso (devastação do campo católico no Brasil) ou no mais literal (como no caso de Jonestown com a morte de centenas de pessoas).

Mesmo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) – que continha diversos membros da ala mais “progressista” da Igreja Católica no Brasil – estaria preocupada com a atuação e avanço das “seitas” no país. Segundo uma matéria veiculada pelo *Diario*, o frei Félix Neeffjes, assessor da CNBB para “Ecumenismo e Diálogo Religioso”, estaria submetendo um questionário às dioceses brasileiras para saber de que forma “estas seitas estão proliferando em suas dioceses” e pedia “sugestões para que o rebanho da Igreja Católica não seja seduzido por elas”. Embora se referisse às “seitas” cristãs, a preocupação da CNBB atesta o caráter de disputa de “rebanho” empreendido pela Igreja Católica contra as assim chamadas “seitas” (CNBB..., 1982, p. A-14).

Um católico, analisando a situação que a Igreja vivia no período, atribuiu ao “imperialismo” o surpreendente avanço das “seitas”. A derrocada católica seria, assim, parte de um programa imperialista para desestruturar ou separar o povo da igreja romana. Em contrapartida, essa igreja enfraquecida estaria tentando se reaproximar do povo e das ideias de Cristo com as obras sociais da ala “popular”. Dessa forma, as “seitas” estrangeiras estariam desestabilizando esse projeto católico na América Latina:

Dom Avelar Brandão Vilela, arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, reitera denúncia de infiltração no Brasil de estranhas seitas, provenientes do Exterior, que trazem o objetivo de separar o nosso povo da Igreja Católica, acrescentando que vêm respaldadas em apoio financeiro e assessoria técnica (MENDONÇA, 1985, p. A-7).

Essa noção de que as “seitas” vindas do exterior, sobretudo, dos Estados Unidos, seriam parte de um projeto “imperialista” que visava a desestabilização da Igreja Católica na América Latina – principalmente dos projetos sociais desenvolvidos por ela –, não era incomum e teve, inclusive, livros publicados sobre o assunto (cf. LIMA, 1987)¹⁵.

Intelectuais ou clérigos católicos também se posicionavam sobre o “fenômeno” das “seitas”, sempre que consultados. O jornalista Carlos Cavalcanti recorria às palavras do padre Estevão Bettencourt¹⁶ que, buscando respostas sobre o crescimento “desconcertante” dos novos movimentos religiosos, defendia que:

O fenômeno das seitas e movimentos “religiosos” está ligado ao sintoma de alguma das carências contemporâneas. Sabemos que um dos grandes atrativos das seitas são as promessas de curas ou de melhores condições de vida física, obtidas por via maravilhosa. Ora, o homem contemporâneo [...] procura na religião possíveis soluções para seus males. Infelizmente, porém, há charlatanice (às vezes, praticada de boa fé e consciência tranquila) por parte de adeptos das seitas. E, assim, inúmeros pacientes são explorados sem o perceberem.

¹⁵ O polêmico livro do jornalista e escritor Delcio Lima trata de uma suposta conspiração da política internacional americana que teria como iniciativa a difusão do que ele chamou de “seitas”, sobretudo, em referência às igrejas pentecostais americanas, para a América Latina, como parte de um projeto que visava, entre outras coisas, a contenção do comunismo e dos grupos de base orientados pela Igreja Católica na região.

¹⁶ O padre Estevão Bettencourt (1919-2008) foi um monge da Ordem dos Beneditinos do Rio de Janeiro. Foi teólogo e escritor, tendo publicado diversos livros. Dentre eles, alguns abordavam as “seitas”, as “crenças”, “religiões”, as “correntes religiosas”, espécies de enciclopédias de religiões outras que sofreram grande influência confessional de livros escritos por um católico e para católicos.

[...] É, portanto, a carência de espírito fraterno outro fator determinante da procura dessas seitas ou dos movimentos “religiosos” (CAVALCANTI, 1980, p. D-1).

Nessa mesma matéria, intitulada “A fé está em crise?”, que continha o subtítulo “Fenômeno das seitas desconcerta estudiosos”, o que nos chama a atenção é a utilização de intelectuais e clérigos católicos, tidos como “estudiosos” por parte do *Diário de Pernambuco*, para se referir a um tema religioso que apontava para uma crise que tinha como culpados semânticos os novos movimentos “religiosos” - apontados como “religiosos” entre aspas, como pseudo-religiosos, como não dignos de serem chamados de religiosos “sem aspas”.

Em um editorial, o *Diário de Pernambuco* parecia tomar a mesma preocupação do cardeal Dom Avelar Brandão Vilela, chamado de “ilustre prelado”, que estaria muito preocupado com as “seitas”, principalmente com o que ele chamou de “africanização” do Brasil. O editor procuraria destacar a sua inquietação:

A questão abordada pelo cardeal é na realidade algo que não deixa de inquietar. Estão aumentando a cada dia tipos de seitas de fundo sincretista cada vez diversos entre si, envolvendo já agora não a gente simples do povo, porém, ultimamente, até camadas relativamente advertidas. E o pior de tudo animadas por toda uma receptividade estranha, inclusive da parte de admitidos setores esclarecidos (A PREOCUPAÇÃO..., 1981, p. A-10).

O editorial do jornal estaria preocupado com os “setores esclarecidos” que estariam deixando as religiões tradicionais para aderir às religiões minoritárias com “receptividade”. Isso seria “o pior de tudo”. É interessante perceber o desconhecimento (intencional ou não) do autor em relação ao próprio desenvolvimento histórico do Brasil, já que esse processo de “africanização do Brasil” teria começado já no século XVI quando houve a introdução dos primeiros escravos vindos de África para o país!

Alguns católicos estariam muito preocupados com o processo de crescimento das “seitas” no país e recorriam à seção de cartas ou aos artigos de opinião do *Diário de Pernambuco* para expressar seu descontentamento. Um dos colaboradores do *Diário de Pernambuco* mais presentes, nos anos 1980, seria Austregésilo de Athayde, que com erudição nas palavras, manifestava seu desgosto:

[...] Poderosas seitas de múltiplas confissões que estão tomando conta da alma do povo brasileiro, quebrando a sua unidade espiritual, destruindo a obra de catequese anchietiana, ameaçando a solidez, hoje profundamente abalada do prestígio social e religioso da Igreja Católica (ATHAYDE, 1982a, p. A-9).

Em outra oportunidade, ele manifestou a sua inquietação com a invasão das “seitas” e da passividade da Igreja diante da questão:

É realmente impressionante ver como tantas seitas se têm apoderado da mente religiosa do povo brasileiro, sem que ao mesmo tempo tenha havido uma correspondente ação defensiva por parte da liderança católica. Trata-se de uma verdadeira invasão na ordem espiritual, que poderá constituir no futuro uma perigosa ameaça até mesmo à unidade política e social do povo brasileiro. As raízes da nossa formação religiosa tão profundas, pois que se encravam nos primeiros anos da colonização portuguesa, estão sendo extirpadas do espírito das novas gerações. [...] Naturalmente ninguém é contra a liberdade de crença religiosa, pois que esse é um dos sagrados direitos do homem. Isso porém não impede a inquietação que está produzindo o desvirtuamento da nossa fé tradicional, que é um dos esteios da nacionalidade brasileira” (idem, 1982b, p. A-9).

O autor se utilizava do termo “invasão” - significando desestabilização na “ordem espiritual” - para tratar do crescimento de religiões não-católicas na sociedade brasileira. Para ele, um dos fatores do enfraquecimento do Catolicismo seria o “excesso de um ecumenismo que levava os fiéis a pensar que todas as crenças são admissíveis e podem ser aceitas na comunhão da Igreja Católica [...] que debilita e compromete a antiga solidez do catolicismo” (loc. cit.). Athayde, que contribuía regularmente para o *Diário*, seria um grande opositor da ala “progressista” da igreja católica a quem culpava, vez por outra, por causar um desvio nesta e por permitir que as “seitas” se desenvolvessem. Afinal, ele justificava seu posicionamento defendendo que “a promessa de pão não satisfaz a fome de misticismo” (idem, 1980, p. A-9). Nesse sentido, ele defendia uma igreja que se voltasse para as questões transcendentais e não pelas questões terrenas.

Considerações finais

Observando as matérias e editoriais do *Diário de Pernambuco* aqui estudadas, parece evidente que havia uma naturalização do Catolicismo como religião

predominante, ideal e modelar. As outras religiões eram vistas como não tão importantes e as “seitas” eram consideradas elementos que ameaçavam a “religião tradicional” católica. A linguagem religiosa católica era utilizada até mesmo pelos jornalistas que, em geral, viam com entusiasmo os eventos e a vida católica em Pernambuco e no mundo.

Há em diversos momentos, como vimos, reprodução literal das falas e da maneira como os católicos ou as autoridades católicas se representavam perante sua fé e sociedade, fazendo com que possamos afirmar com certa propriedade de que jornais como o *Diario de Pernambuco* legitimaram a perpetuação da hegemonia católica na sociedade de uma maneira semelhante a que Cunha (2016) observou no cenário midiático brasileiro contemporâneo.

Diante do que foi exposto aqui, propomos uma analogia que, a priori já tínhamos disposto no título do presente artigo de forma provocativa. Poderíamos dizer que, se a conhecida Teologia da Libertação, teve em seu lema, a ideia de que a Igreja Católica Romana deveria fazer a “opção preferencial pelos pobres”, de maneira geral, em termos de religião, parte da mídia no Brasil parece ter adotado a “opção preferencial pelo Catolicismo Romano”.

Referências

- BEZERRA, Ricardo Lima. *Diario de Pernambuco*. CPDOC. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/DI%C3%81RIO%20DE%20PERNAMBUCO.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2016.
- CAMPBELL, C. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodiceia para um novo milênio. *Religião e Sociedade*, v. 18, n. 1, [s.d.].
- CARVALHO, L. A. G. DE. “A suave invasão”: práticas e representações do movimento Hare Krishna em Pernambuco (1973-1996). Dissertação (Mestrado em História)—Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2017.
- _____. Representações, memórias e subjetividades: um estudo sobre a história do movimento Hare Krishna em Caruaru (1986-1996). *Semina*, v. 16, n. 1, p. 155–169, jul. 2017.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- CUNHA, M. DO N. Religião no noticiário: marcas de um imaginário exclusivista no jornalismo brasileiro. *E-compós*, v. 19, n. 1, p. 1–21, abr. 2016.
- GIUMBELLI, E. *O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França*. São Paulo: Attar Editorial, 2002.

MAINWARING, S. A igreja católica e a política no Brasil (1916-1985). São Paulo: Brasiliense, 2004.

LIMA, Delcio Monteiro de. Os demônios descem do Norte. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

MAINWARING, S. A igreja católica e a política no Brasil (1916-1985). São Paulo: Brasiliense, 2004.

MOURA, Carlos André Silva de. Histórias cruzadas: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910-1942). Tese (Doutorado em História). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2015.

NERI, Marcelo Cortês (coord.). Novo mapa das religiões. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011. Disponível em: http://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf. Acesso em: 23 out. 2016.

SQUARISI, Dad. Manual de redação e estilo. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2005.

Periódicos

ALMOEDO, Virginia; D'ARCE, Valdelusa; RIVAS, Lêda. Os caminhos da fé. Diário de Pernambuco, Recife, 01 jan. 1980. A grande caminhada dos anos 70 [Encarte], p. D-12.

A PREOCUPAÇÃO do cardeal. Diário de Pernambuco, Recife, 01 jan. 1981. Opinião, Editorial, p. A-10.

A SERVIÇO de Deus. Diário de Pernambuco, Recife, 07 mai. 1985. Opinião, Editorial, p. A-6.

ATHAYDE, Austregésilo de. A volta dos deuses primitivos. Diário de Pernambuco, Recife, 27 jan. 1982a. Opinião, p. A-9.

_____. Crítica e autocrítica. Diário de Pernambuco, Recife, 21 mai. 1982b. Opinião, p. A-9, grifo nosso.

_____. A promessa de pão não satisfaz a fome de misticismo. Diário de Pernambuco, Recife, 20 abr. 1980. Opinião, p. A-9

ATOS Religiosos. Diário de Pernambuco. Recife, 22 nov. 1977. Roteiro, p. B-6.

CAVALCANTI, Carlos. A fé está em crise? Diário de Pernambuco, Recife, 20 abr. 1980. Panorama, p. D-1.

CHAVES, Paulo. Religião. Diário de Pernambuco. Recife, 26 ago. 1973. Terceiro Caderno, Sociais, Poliedro, p. 2.

CNBB preocupada com crescimento de novas seitas. Diário de Pernambuco. Recife, 24 abr. 1982. Últimas notícias, p. A-14.

DIÁRIO publicará coluna do Papa João Paulo II. Diário de Pernambuco, Recife, 25 ago. 1985. Cidade, A-18.

FONSECA, Edson Nery da. D. BASÍLIO: “a vida vale a pena e a dor de ser vivida”. Diário de Pernambuco, Recife, 01 jul. 1984. Viver, p. B-1.

GOVERNO assumirá todas as despesas com o Papa. Diario de Pernambuco. Recife, 26 jun. 1980.

IGREJA deposita esperanças no Brasil. Diario de Pernambuco, Recife, 16 jun. 1980. Geral, p. A-18.

IGREJA. Diario de Pernambuco, Recife, 27 jun. 1985. Opinião, Editorial, p. A-6.

MENDONÇA, Fernando. Seitas estrangeiras, novo tipo de imperialismo. Diario de Pernambuco, Recife, 23 ago. 1985. Opinião, p. A-7.

PAPA vem até nós transmitir, sem intermédios, a palavra de Deus. Diario de Pernambuco. Recife, 29 jun. Visita do Papa, p. A-18.

PASTOR intemorato. Diario de Pernambuco, Recife, 22 set. 1984. Opinião, Editorial, p. A-6.

TENSÕES religiosas. Diario de Pernambuco, Recife 04 set. 1984. Opinião, Editorial, p. A-4.

VATICANO lembra os falsos profetas no massacre da Guiana. Diario de Pernambuco, Recife, 22 nov. 1978, p. 1.

RECEBIDO em 28/05/2018
APROVADO em 15/10/2018